

Análise Espacial das Ocupações Criativas no Estado do Rio Grande do Sul

Marieli Vieira¹

31/05/2022

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de realizar uma análise da distribuição espacial das ocupações criativas, que estão dispersas em vários setores da economia, para os municípios do Rio Grande do Sul, utilizando dados das ocupações formais para os anos de 2011 e 2020. É empregada a metodologia de análise exploratória de dados espaciais (AEDE), com o cálculo da estatística I de Moran para verificar a existência de autocorrelação parcial global e local. A base de dados é a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). O I de Moran Global para o ano de 2011 não teve significância estatística. Para o ano de 2020, os resultados indicam o surgimento de autocorrelação espacial positiva. O I de Moran Local permitiu a identificação de um *cluster* predominante no estado, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e o surgimento de um *cluster* ao redor do município de Santa Maria.

Palavras-chave: Economia Criativa; Desenvolvimento Regional; AEDE.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo realizar un análisis de la distribución espacial de las ocupaciones creativas, que se encuentran dispersas en varios sectores de la economía, para los municipios de Rio Grande do Sul, utilizando datos de las ocupaciones formales de los años 2011 y 2020. Se utiliza la metodología de análisis exploratorio de datos espaciales (AEDE), con el cálculo del estadístico I de Moran para verificar la existencia de autocorrelación parcial global y local. La base de datos es el Informe Anual de Información Social (RAIS). El I de Moran Global para el año 2011 no fue estadísticamente significativo. Para el año 2020, los resultados indican la aparición de autocorrelación espacial positiva. El I de Moran Local permitió la identificación de un clúster predominante en el estado, en la Región Metropolitana de Porto Alegre, y el surgimiento de un clúster alrededor del municipio de Santa Maria.

Palabras clave: Economia Criativa; Desarrollo Regional; AEDE.

Abstract

This work aims to carry out an analysis of the spatial distribution of creative occupations, which are dispersed in various sectors of the economy, for the municipalities of Rio Grande do Sul, using data from formal occupations for the years 2011 and 2020. The methodology of exploratory analysis of spatial data (AEDE) is used, with the calculation of Moran's Index (I) statistic to verify the existence of global and local partial autocorrelation. The database is the

¹ Doutoranda em Economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Annual Report of Social Information (RAIS). Moran's Global Index (I) for the year 2011 was not statistically significant. For the year 2020, the results indicate the emergence of positive spatial autocorrelation. The Moran's Local Index (I) allowed the identification of a predominant cluster in the state, in the Metropolitan Region of Porto Alegre, and the emergence of a cluster around the municipality of Santa Maria.

Keywords: Creative Economy; Regional Development; AEDE.

1. Introdução

A primeira referência à indústria criativa ocorreu em 1994, na Austrália, quando se falava no impacto que a diversidade cultural e as tecnologias da informação e comunicação teriam na indústria mundial. No ano de 1997 a “indústria criativa” foi definida com setores prioritários que deveriam ter atenção na formulação de políticas britânicas (REIS, 2008; REIS, 2011).

Do ponto de vista da pesquisa regional, o interesse inicialmente era na localização das empresas, considerando as teorias de Vernon, Weber, Von Thunen e Christaller (VIEIRA; MILAN, 2022). Em seguida, passou-se a considerar a influência das ocupações no desenvolvimento regional, pois, segundo Jacobs (2016), a localização das pessoas que influenciaria o crescimento e desenvolvimento dos territórios. Além da teoria do capital humano, passou a ganhar espaço paralelamente a teoria do capital criativo, na qual a criatividade é um tipo de capital e é capaz de gerar crescimento econômico. O capital criativo está nas pessoas, a ‘classe criativa’, conforme denomina Florida (2005), e essa classe é composta por um grande número de ocupações e perfis profissionais e tendem a se aglomerar nos centros criativos.

De uma forma geral, a economia criativa tem o poder de possibilitar o desenvolvimento econômico e a criação de empregos (UNCTAD, 2008). A economia criativa tem ganhado espaço dentro dos estudos regionais nos últimos anos, visto que essas indústrias têm se organizado em aglomerações produtivas, nas quais além da redução de custos, buscam compartilhar as informações e força de trabalho, e isso tem elevado o potencial inovativo dessas regiões.

Considerando o que foi exposto, este trabalho objetiva analisar a distribuição espacial das ocupações formais que possuem características criativas, realizando uma Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE) dessas ocupações de forma desagregada para os municípios do estado do Rio Grande do Sul, aplicada entre os anos 2011 e 2020.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 TRABALHO CRIATIVO

A contextualização feita pelo Reino Unido fez com que ganhasse atenção a contribuição econômica das indústrias criativas (REIS, 2008), mas a compreensão do termo permaneceu ainda confusa e foi se adaptando desde o modelo do Reino Unido. O conceito de indústrias criativas foi atualizado em 2004, pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2004), quando passou a corresponder às atividades que tem como componente principal a criatividade, que fossem diretamente incluídas no processo industrial e protegidas por direitos autorais.

As indústrias criativas estão no coração da economia criativa, que é definida pela UNCTAD (2010), como atividades que: gerem renda, empregos e receitas de exportação ao mesmo tempo que inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano; tenham aspectos econômicos, sociais e culturais e também interajam com tecnologia, propriedade intelectual e turismo; baseadas em conhecimento e ligadas ao desenvolvimento, assim como aos níveis micro e macro da economia como um todo; e que sejam uma alternativa de desenvolvimento viável e que demandem políticas inovadoras e multidisciplinares.

As pessoas que compõem a classe criativa são aquelas que agregam valor econômico por meio da criatividade (UNCTAD, 2008). A criatividade é, então, a produção de novas ideias que sejam úteis, e pode ser separada da inteligência e da educação (MELLANDER; FLORIDA, 2021). Florida (2005) reconhece a criatividade como uma característica intrínseca de todo ser humano e que estes compõem a classe criativa, porém nem todos são remunerados pelo seu uso no trabalho.

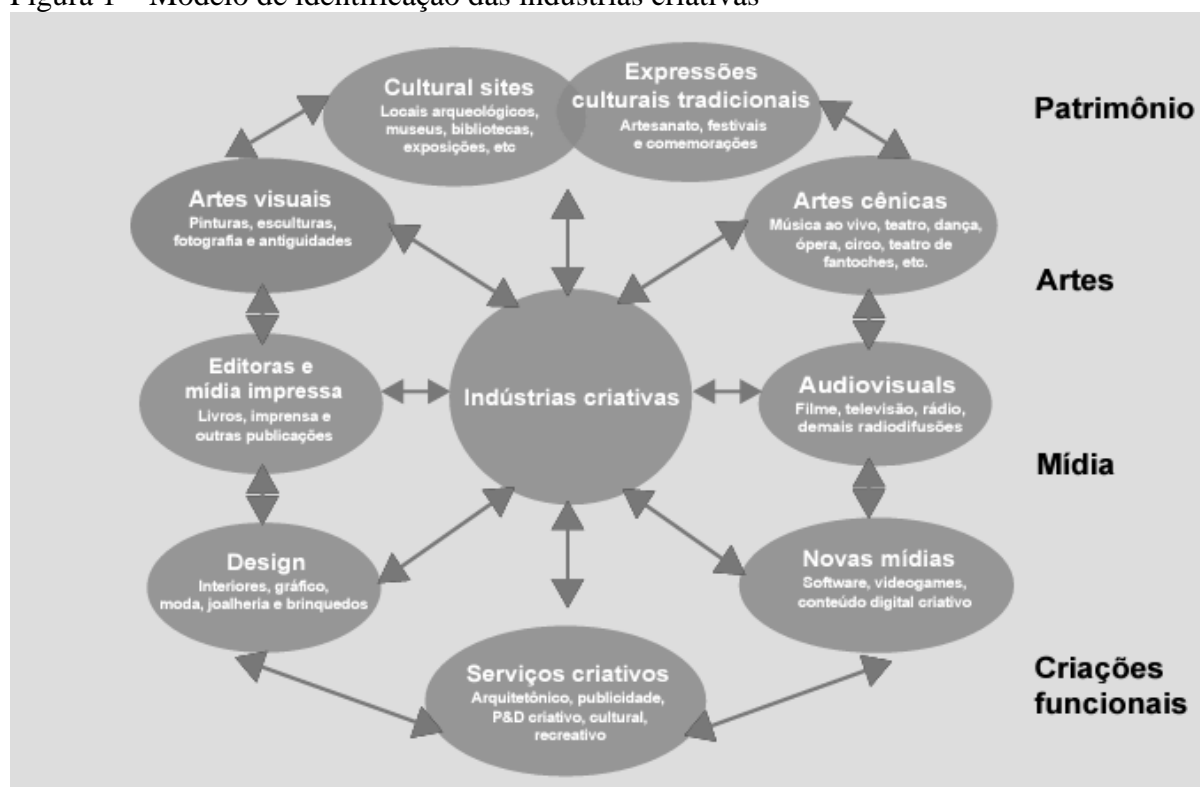
Florida (2005) descreve alguns indicativos de que a classe criativa está formando uma nova geografia, como o fato dela estar se afastando das comunidades tradicionais para os centros criativos, que possuem alta concentração de pessoas criativas. O autor ressalta ainda que os locais em que as classe criativas se concentram têm maior propensão à inovações e indústria

de alta tecnologia. A inovação é essencial para o crescimento econômico e que esta vem de uma combinação de insumos, inclusive pessoas (JACOBS, 2016).

As cidades funcionam como ambientes mobilizadores de criatividade, fornecendo estruturas que garantem o esforço produtivo (FLORIDA, 2012) e nestes ambientes passam a existir as condições próprias para o desenvolvimento de um *cluster* criativo (UNCTAD, 2008). Os *clusters* são concentrações geográficas em que há forte competição e conexão entre diversas instituições, em que são propícios novos negócios. E a economia criativa é comumente arranjada em complexos ou *clusters* de atividade (VIEIRA; MILAN, 2022).

Para a classificação das indústrias criativas existem uma série de modelos que foram surgindo ao longo dos anos, cada um com suas considerações estruturais das indústrias criativas. Oliveira, Araújo e Silva (2013) fazem uma comparação entre alguns dos modelos e ressalta que não há modelo certo ou errado, apenas formas diferente de interpretar o que compõem a produção criativa. Neste trabalho, o modelo adotado se baseia na proposição da UNCTAD (2010).

Figura 1 – Modelo de identificação das indústrias criativas



Fonte: UNCTAD (2010).

O modelo adotado para identificação das indústrias criativas, com seus subgrupos, está definido na Figura 1, conforma proposto pela UNCTAD (2010). Esse modelo apresenta quatro grupos, que se dividem em nove subgrupos, conforme segue:

- 1) Patrimônio: o ponto de partida da classificação, neste grupo fica os aspectos culturais que influenciam a criatividade. Aqui se originam muitos produtos e serviços patrimoniais e também as atividades culturais.
 - a. Expressões culturais tradicionais – que incluem artesanato, festivais e celebrações;
 - b. Locais culturais – que incluem bibliotecas, museus, sítios arqueológicos, exposição, etc.
- 2) Artes: as indústrias criativas que se classificam neste grupo são aquelas que se baseiam unicamente na arte e na cultura.
 - a. Artes visuais – antiguidades, esculturas, pintura e fotografias;
 - b. Artes cênicas – circo, teatro, teatro de fantoches, ópera, dança, música ao vivo, etc.
- 3) Mídia: a produção de conteúdo criativo neste grupo se destina à comunicação com grandes públicos.
 - a. Editoras e mídias impressas – livros, imprensa e outras publicações;
 - b. Audiovisuais – rádio e radiodifusão, filmes e televisão.
- 4) Criações funcionais: aqui se incluem as indústrias que são impulsionadas pela demanda e voltadas à prestação de serviços.
 - a. *Design* – gráfico, de interiores, jóias, brinquedos e moda;
 - b. Novas mídias – pesquisa e desenvolvimento (P & D) criativo, arquitetura, publicidade, cultura e recreação, e outros serviços criativos;
 - c. Serviços criativos: pesquisa e desenvolvimento (P & D) criativo, arquitetura, publicidade, cultura e recreação, e outros serviços criativos.

2.2 LITERATURA EMPÍRICA

Nesta seção são apresentados alguns trabalhos que se relacionam ao objetivo que se propõem este trabalho, abordando a análise das ocupações criativas.

O trabalho de Golgher (2008) cria alguns indicadores para verificar a relação entre as pessoas qualificadas e criativas e o desenvolvimento de cidades e regiões. Entre as conclusões indicadas pelos autores está o fato de que municípios com maior população tem maior participação de trabalhadores da economia criativa.

O estudo de Melo e Paiva (2016) investiga a presença de *clusters* criativos nas cidades médias brasileiras, buscando avançar na análise espacial da economia criativa. Os autores utilizam o método *fuzzy cluster*. Entre os resultados encontrados, os autores ressaltam a existência de padrões espaciais distintos na indústria criativa, o que torna necessário o foco nas especificidades locais.

Botossi e Vieira (2019) fazem uma análise quantitativa, exploratória e documental das ocupações formais em segmentos criativos entre os anos de 2010 e 2017 para Taubaté – SP. Os autores verificaram que no período analisado a tendência de crescimento das ocupações criativas, no geral, não se manteve. Porém, em alguns segmentos criativos houve elevação do número de ocupações, como é o caso da Pesquisa e Desenvolvimento.

Considerando a estrutura de microrregiões, Azambuja (2020) estuda a estrutura espacial da economia criativa para 558 microrregiões brasileiras, nos anos de 2010 e 2018. A autora analisa com base no cálculo do Quociente Locacional para o setor da economia criativa e seus quatro subsetores: consumo, cultura, mídia e tecnologia. É realizada também a análise exploratória de dados espaciais dos padrões geográficos de emprego. Entre os resultados da autora está a evidência de que as atividades criativas têm melhores condições onde a concentração urbana é maior. Porém, o transbordamento para microrregiões vizinhas só ocorreu quando se tratou da região da grande São Paulo.

Para os municípios do Rio Grande do Sul, Freitas e Fochezatto (2018) analisam o comportamento espacial das ocupações criativas e a relação deste com outros setores de agricultura, serviços e indústria. Os autores realizam uma análise exploratória de dados especiais juntamente do cálculo do Quociente Locacional, para os anos de 2006 e 2016. Os resultados encontrados pelos autores indicam relação direta entre as ocupações criativas e os setores de indústria e serviços, e relação inversa com a agricultura. Os *clusters* encontrados

também revelam que os trabalhadores criativos tendem a se localizar próximos aos maiores centros urbanos.

Henrique e Staduto (2022) realizam a análise da distribuição espacial das atividades criativas, em 2003 e 2011, nos municípios do estado do Paraná. Por meio da análise exploratória de dados espaciais e do cálculo do Quociente Locacional, verificaram que as cidades de grande porte tendem a absorver menos os profissionais criativos no mercado de trabalho.

Considerando a importância da indústria criativa, que têm recebido atenção recorrente da literatura, este trabalho contribui para a ampliação da literatura com uma análise recente e desagregada em nível de municípios para o estado do Rio Grande do Sul.

3. Metodologia

Uma das estatísticas mais utilizadas para testar a dependência espacial é a estatística I de Moran, que pode ser aplicada diretamente à variável y_i , ou aos conjuntos da regressão de y_i contra algumas variáveis explicativas.

Conforme especificam Cliff e Ord (1981), a estatística I de Moran Global pode ser expressa como:

$$I_t = \left(\frac{n}{S_0} \right) \left(\frac{z_t' W z_t}{z_t' z_t} \right) \quad t = 1, \dots, n \quad (1)$$

Onde z é o vetor de n observações para o ano t na forma de desvio em relação à média. W é a matriz de pesos espaciais, sua diagonal de elementos W_{ii} é igual a zero e os elementos W_{ij} indicam a forma como um município está conectado com outro. O termo S_0 é um escalar igual a soma de todos os elementos da matriz W .

O Índice de Moran Local, por sua vez, proposto por Anselin (1995), testa a autocorrelação local a fim de identificar objetos espaciais com influência no indicador Moran Global. Essa metodologia considera a análise das covariâncias entre as diferentes unidades de área.

Portanto, enquanto o Índice Global de Moran avalia a interdependência espacial entre todos os polígonos em análise, o Índice Local de Moran analisa a covariância entre um determinado

polígono e certa vizinhança definida em função de uma distância d . Anselin (1995) define o Índice Local de Moran como produto do resíduo no polígono de referência com a média local dos resíduos dos seus vizinhos adjacentes.

Assim:

$$I_l = z_i \sum_j w_{ij} z_j \quad (2)$$

Onde W_{ij} representa o valor na matriz de vizinhança para a região i com a região j em função da distância d , e z_i e z_j são os desvios em relação à média.

A matriz W_{ij} define os vizinhos de certo polígono. Utiliza-se o critério de contiguidade, na qual duas regiões são consideradas vizinhas se elas fizerem fronteira física, pois dessa forma considera-se que seja maior a interação espacial. Quanto às fronteiras físicas em comum, conforme explica Almeida (2004), é possível levar em conta as fronteiras que tenham extensão diferente de zero e também aquelas que tenham apenas vértices em comum. Considerando essas proximidades, as matrizes de contiguidade podem ser do tipo ‘rainha’, ‘torre’ ou ‘bispo’. A primeira leva em conta fronteiras de extensão diferentes de zero e os vértices, a segunda, apenas as fronteiras, enquanto a terceira leva em conta apenas os vértices. A matriz de peso espacial utilizada foi a do tipo ‘rainha’, de ordem 1 de contiguidade. A escolha dessa opção ocorreu em função do cálculo do I de Moran, tendo como objeto verificar a presença ou ausência de autocorrelação espacial.

Quando a estatística I de Moran Local fica mais próxima de +1, isso indica que existe autocorrelação espacial positiva. Quando o I de Moran Local for próximo de -1 isso indica que existe autocorrelação negativa.

O diagrama de dispersão de Moran é outra forma de interpretar a estatística I de Moran. Por meio do diagrama pode-se visualizar a correlação linear de uma variável para cada uma das unidades nas abscissas e, nas ordenadas, a média do valor padronizado da variável para os municípios vizinhos. Desta forma, como o diagrama de Moran é dividido em quatro quadrantes, os valores que estiverem acima da média relacionados com vizinhos que estiverem também acima da média ficarão no primeiro quadrante. O segundo e o quarto quadrante mostram os valores altos cercados de valores baixos e os valores baixos cercados de valores altos, respectivamente. E os valores abaixo da média cercados por vizinhos que

também tenham valores abaixo são representados no terceiro quadrante (MONASTERIO E ÁVILA, 2004).

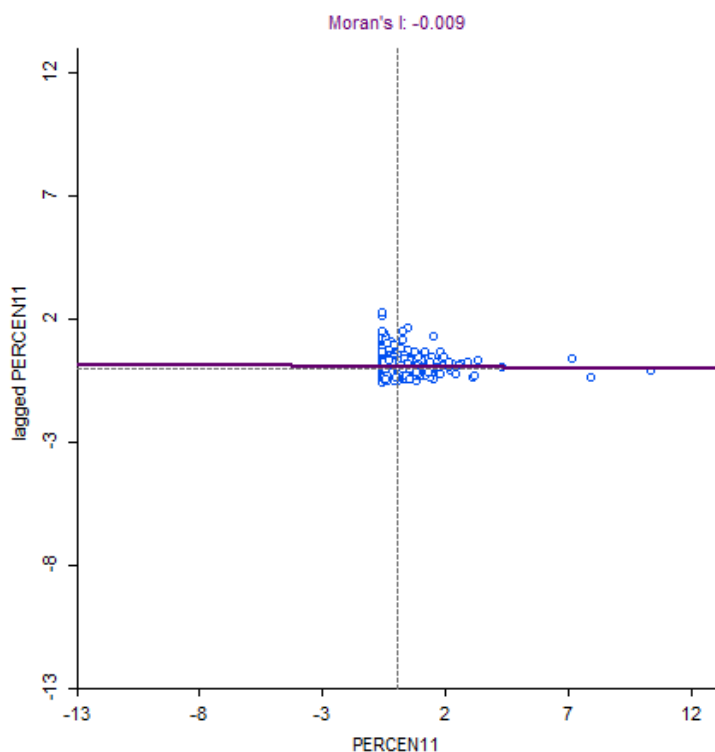
Após a estimativa do I de Moran Local, faz-se interessante gerar um mapa indicando quais regiões apresentam correlação local. Esse mapa é chamado por Anselin (1995) de LISA (*Local Indicators of Spatial Association*) e é indicado para verificar a autocorrelação espacial local juntamente com as características do espaço, ou seja, visa explicar áreas com dinâmica espacial própria que merecem análise.

A análise exploratória dos dados espaciais é realizada por meio do *software GeoDa* com 999 permutações. São utilizados os dados *cross section* disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Previdência (MTP) e Relatório de Informações Sociais (RAIS), para os anos de 2011 a 2020, com os quais se obtêm a importância relativa das ocupações criativas frente ao emprego formal total por município do Rio Grande do Sul.

4. Discussão de Resultados

A estatística I de Moran é a mais adequada para constatar se há presença ou ausência de concentração espacial. Na Figura 2 é possível verificar o diagrama de dispersão com o valor atribuído ao cálculo do I de Moran Univariado das ocupações criativas nos municípios do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2011. Conforme mostra a figura, o I de Moran Local Univariado, utilizando uma matriz de pesos do tipo “rainha” tem o valor de -0,009. Mesmo com o resultado muito próximo de zero, não é possível concluir sobre a dependência espacial, visto que o *p-valor* do teste foi de 0,403 e essa significância estatística não permite rejeitar a hipótese nula de aleatoriedade espacial.

Figura 2 – Diagrama de dispersão I de Moran Local Univariado das ocupações criativas no estado do Rio Grande do Sul - 2011

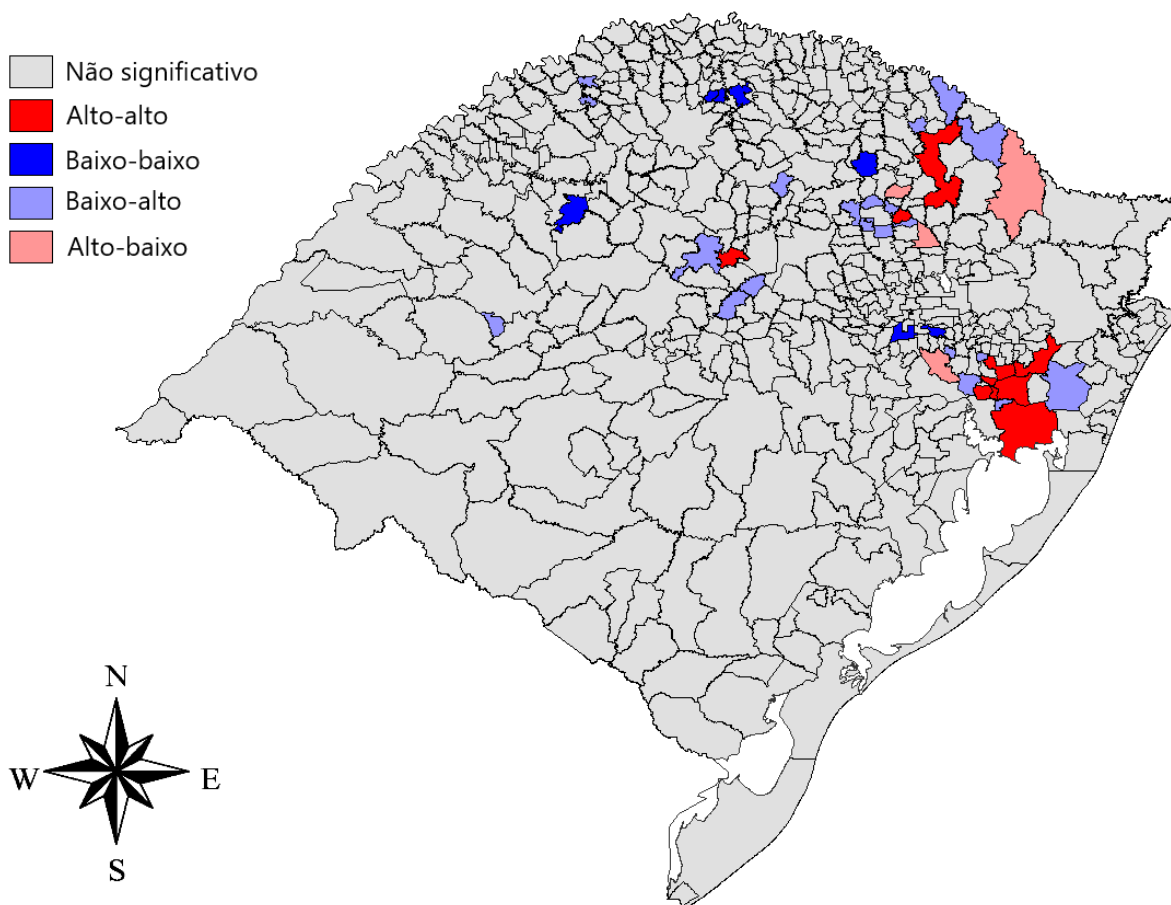


Fonte: elaboração própria, por meio do *software GeoDa*.

Após o cálculo do I de Moran Local, observamos na Figura 3 o mapa de *cluster* das ocupações criativas em 2011, o LISA. Por não ser possível rejeitar a hipótese de aleatoriedade espacial, optou-se por apresentar o I de Moran Local, visto que ele analisa a covariância entre um determinado polígono e sua vizinhança. O mapa mostra um *cluster* Alto-alto a leste do estado, composto pelos municípios de Viamão, Gravataí, Cachoeirinha, Canoas, Sapucaia do Sul, Novo Hamburgo e Taquara, ao nível de significância de 1 a 5%.

No centro-nordeste do estado localizamos um *cluster* Alto-baixo, com nível de significância de 5%, onde observamos que o município de Paraí possui alta participação das ocupações criativas nos empregos formais e é rodeado por municípios que possuem baixa participação, sendo estes municípios: Nova Araçá, Serafina Corrêa, Montauri, Vila Maria, Santo Antônio da Palma e São Domingos do Sul.

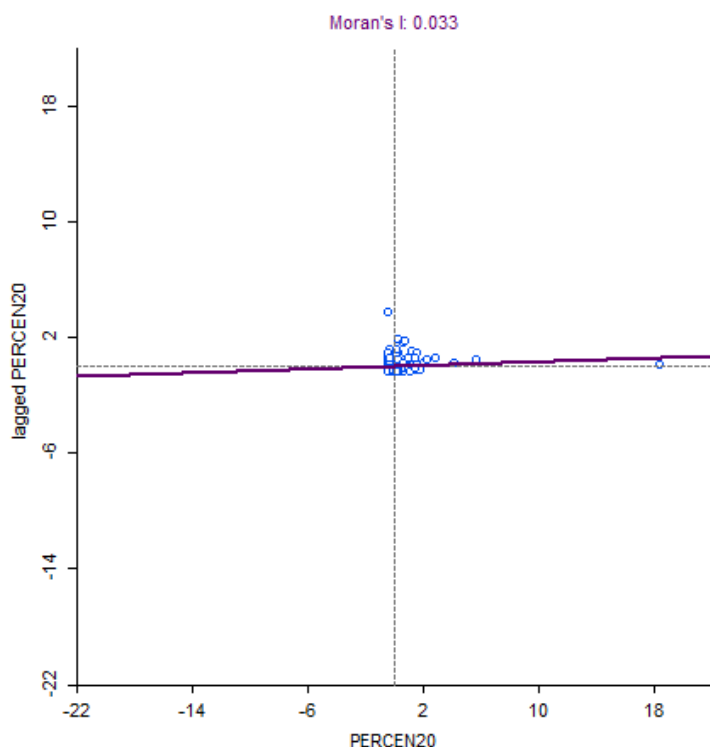
Figura 3 – Mapa de *Cluster* das ocupações criativas em 2011 no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: elaboração própria, por meio do *software GeoDa*.

Na Figura 4 observamos o diagrama de dispersão I de Moran Local Univariado para o ano de 2020, cujo valor de 0,033 indica autocorrelação espacial positiva das ocupações criativas nos municípios do Rio Grande do Sul. O *p-valor* da estatística é de 0,064, permitindo dessa forma, rejeitar a hipótese nula de aleatoriedade espacial do nível de significância de 10%. Dessa forma, municípios que apresentem maior participação das ocupações criativas nos empregos formais têm em seu entorno municípios que também apresentam maior participação dessas ocupações.

Figura 4 – Diagrama de dispersão I de Moran Local Univariado das ocupações criativas no estado do Rio Grande do Sul - 2020



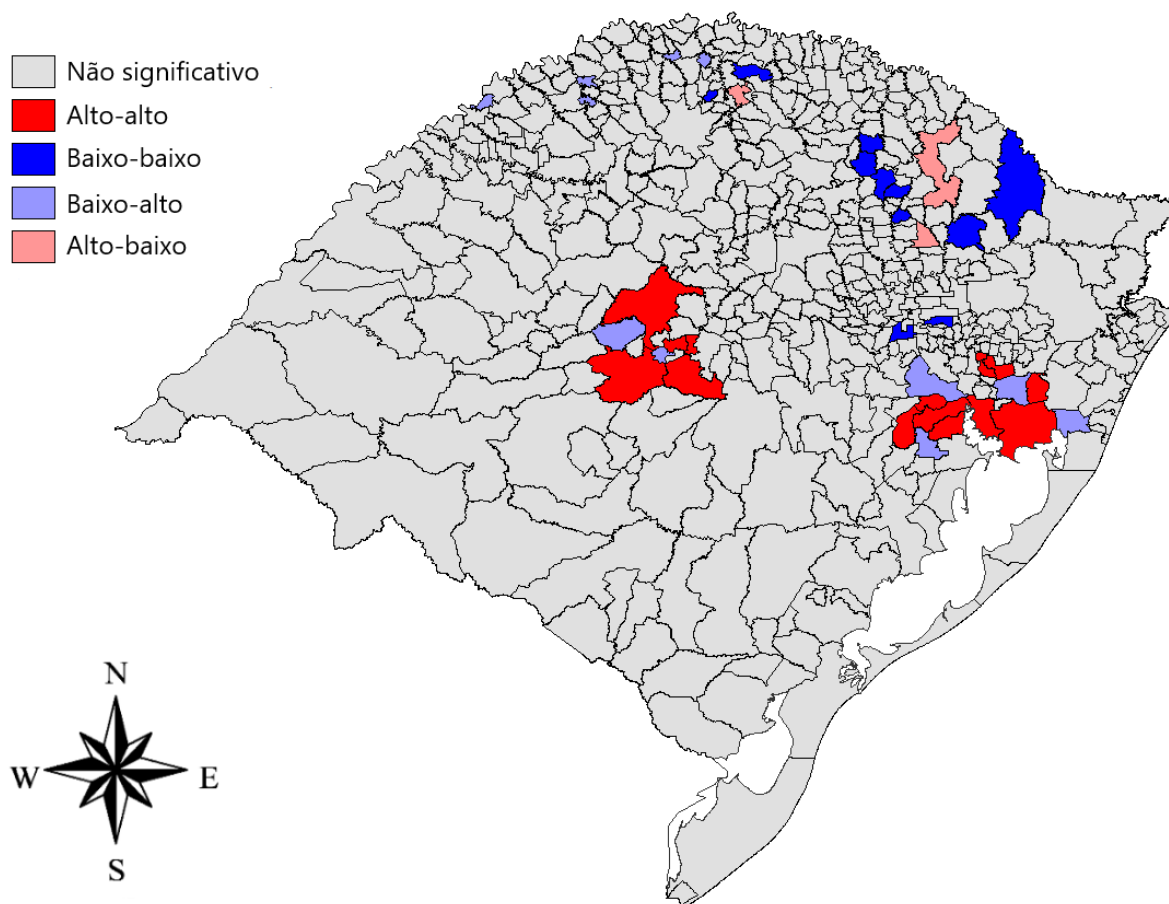
Fonte: elaboração própria, por meio do *software GeoDa*.

Podemos notar, na Figura 5, que o LISA mostra um *cluster* Alto-alto a leste do estado, mais especificamente dividido entre as regiões leste e centro-sul, evidenciando que uma participação maior das atividades criativas nas ocupações formais é rodeada por municípios que apresentam a mesma característica. Fazem parte desse *cluster*, os municípios de Porto Alegre, Viamão, Glorinha, Guaíba, Eldorado do Sul, Charqueadas, Arroio dos Ratos, Novo Hamburgo, São Leopoldo e Estância Velha, com significância de 1 e 5%. Porto Alegre e a Região Metropolitana se justificam como destaque nas ocupações criativas por se localizarem polos tecnológicos, audiovisuais, educacionais. Ao entorno desse *cluster* Alto-alto estão os municípios de Triunfo, Mariana Pimentel, Gravataí e Capivari do Sul, que apresentam baixa participação das ocupações criativas nos empregos formais.

É possível verificar ainda, na Figura 5, outro *cluster* Alto-alto, na região centro-oeste, que compreende os municípios de Santa Maria, Júlio de Castilhos, Faxinal do Soturno, Dona Francisca e Restinga Sêca, também com significância de 1 e 5%. A cidade de Santa Maria teve inaugurado nos últimos anos um importante Parque Tecnológico e também é um polo

educacional de destaque. Ao entorno estão São Martinho da Serra e Silveira Martins, com baixa participação das ocupações criativas.

Figura 5 – Mapa de *Cluster* das ocupações criativas em 2020 no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: elaboração própria, por meio do *software GeoDa*.

Há ainda um *cluster* Baixo-baixo localizado entre as regiões nordeste e centro-nordeste, com significância de 5%, ao qual pertencem os municípios de Tapejara, Água Santa, Ciríaco, David Canabarro e Paraí. Nesses municípios, baixa representação das ocupações criativas é circundada pela também baixa representação das ocupações criativas nos empregos formais dos municípios vizinhos.

5. Considerações Finais

O objetivo do presente trabalho foi examinar a distribuição espacial das ocupações criativas formais no mercado de trabalho do estado do Rio Grande do Sul. O período analisado foi o ano de 2011 e de 2020, conforme dados do Ministério do Trabalho e Previdência (MTP), obtidos por meio da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), de forma desagregada para os municípios.

Através do I de Moran Global não foi possível tirar conclusões para o ano de 2011, visto que o indicador não teve significância estatística. Quando analisado o ano de 2020, percebe-se que a estatística permite que seja rejeitada a hipótese de aleatoriedade espacial, no sentido de determinar uma autocorrelação espacial positiva. O I de Moran Local permitiu a identificação de um *cluster* predominante no estado, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e o surgimento de um *cluster* ao redor do município de Santa Maria.

Porto Alegre e sua Região Metropolitana têm destaque em vários setores criativos. É um importante polo calçadista, produtor de jogos digitais, de audiovisual, localizando-se aí inclusive um Arranjo Produtivo Local (APL) Audiovisual. O município de Viamão e de São Leopoldo sediam dois importantes parques tecnológicos, o Parque Científico e Tecnológico da PUC (Tecnopuc) e o Parque Tecnológico São Leopoldo (Tecnosinos). Há ainda, em Novo Hamburgo e em Porto Alegre, o Feevale Techpark e o Parque Zenit (Parque Científico e Tecnológico da UFRGS), entre outros localizados em vários municípios próximos. O que torna essa região, além de importante polo tecnológico, um polo educacional. A cidade de Santa Maria também abriga, entre outros ramos, empresas de tecnologia e inovação e é importante polo educacional, além do Santa Maria Tecnoparque, inaugurado em 2013.

Os resultados encontrados estão em consonância com o que tem sido observado pela literatura, de que os trabalhadores criativos tendem a se localizar onde é maior a concentração urbana (GOLGHER, 2008; FREITAS; FOCHEZATTO, 2018; AZAMBUJA, 2020).

Referências

ALMEIDA, E. S. **Curso de econometria espacial aplicada**. ESALQ-USP, Piracicaba, 2004.

ANSELIN, L. Local Indicators of Spatial Association – LISA. **Geographical Analysis**. Vol. 27, n. 2, pp. 93-115, abr/1995.

AZAMBUJA, I. P. Economia criativa: uma análise de cenário no Brasil. Monografia – Escola de Política, Economia e Negócios, Universidade Federal de São Paulo. Osasco, 38 p., 2020.

BOTOSSI, J. S.; VIEIRA, E. T. As ocupações formais nos segmentos de economia criativa em Taubaté – SP. **Anais XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador – BA, 2019.

CLIFF, A. D.; ORD, J. K. **Spatial processes: models and applications**. Pion, London. 1981.

FLORIDA, R. **Cities and the Creative Class**. New York: Routledge, 2005.

FLORIDA, R. **The rise of the creative class: revisited**. New York: Basic Books, 2012.

FREITAS, A. P.; FOCHEZATTO, A. Padrão Espacial das Ocupações Criativas nos Municípios do Rio Grande do Sul, 2006-2016. **Anais 9º Encontro de Economia Gaúcha**, Brasil, 2018.

GOLGHER, A. B. As cidades e a classe criativa no Brasil: diferenças espaciais na distribuição de indivíduos qualificados nos municípios brasileiros. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 25, p. 109-129, 2008.

HENRIQUE, J. S.; STADUTO, J. R. A. Disposição espacial das atividades criativas nos municípios do Paraná. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/34803006/Artigo - Ecopar Economia Criativa - 2014.pdf](https://www.academia.edu/download/34803006/Artigo_-_Ecopar_Economia_Criativa_-_2014.pdf). Acesso em: maio de 2022.

JACOBS, J. **The economy of cities**. Vintage, 2016.

MELLANDER, C.; FLORIDA, R. The rise of skills: Human capital, the creative class, and regional development. **Handbook of regional science**, p. 707-719, 2021

MELO, G. B.; PAIVA, G. L. Desenvolvimento e potencial de clusters criativos para as cidades médias brasileiras. **Nova Economia**, v. 26, p. 1287-1316, 2016.

MILAN, M.; MÖLLER, G.; WOBETO, D. (Orgs.) **Aspectos Institucionais e Tecnológicos da Cultura e da Criatividade**: Políticas, Normas Legais, Direitos de Propriedade e Mudanças Econômicas. Porto Alegre: UFRGS/FCE; Itaú Cultural, 2022.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA. **Base estatística da RAIS**: dados de 2011 e 2020. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: maio de 2022.

MONASTERIO, L. M.; ÁVILA, R. P. Uma Análise Espacial do Crescimento do Rio Grande do Sul (1939-2001). **Revista Economia**, Brasília – DF, v. 5, n. 2, p. 269-296, jul-dez/2004.

OLIVEIRA, J. M.; ARAUJO, B. C.; SILVA, L. V. **Panorama da Economia Criativa no Brasil**. Texto para Discussão. Rio de Janeiro: IPEA.

REIS, A. C. F. (Org.) **Economia Criativa com Estratégia de Desenvolvimento**: Uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

REIS, A. C. F. Cidades criativas: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo, 2011.

UNCTAD. Creative Industries and Development. Geneva: United Nations, 2004. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/tdxibpd13_en.pdf. Acesso em: maio de 2022.

UNCTAD. Creative Economy Report 2008 - The Challenge of Assessing the Creative Economy: towards Informed Policy-making. Geneva and New York: United Nations, 2008. Disponível em: https://unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em: maio de 2022.

UNCTAD. Creative Economy Report 2010 - Creative Economy: A Feasible Development Option. Geneva and New York: United Nations, 2010. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_en.pdf. Acesso em: maio de 2022.

VIEIRA, M.; MILAN, M. A Centralidade da Criatividade: Trabalho, Território, Inovação e Política Cultural. In: MILAN, M.; MÖLLER, G.; WOBETO, D. (Orgs.) **Aspectos Institucionais e Tecnológicos da Cultura e da Criatividade**: Políticas, Normas Legais, Direitos de Propriedade e Mudanças Econômicas. Porto Alegre: UFRGS/FCE; Itaú Cultural, p. 163-221, 2022.